

Patrocínio político faz concurso de miss sobreviver em Brasília

ESTADO DE SÃO PAULO

18 MAR 1998

Desfile será realizado no Clube do Congresso, cedido por seu presidente, Celso Russomano

JOÃO DOMINGOS

BRASÍLIA – A partir das 22 horas de hoje ocorrerá em Brasília mais um concurso de Miss Brasil. O público brasileiro, porém, não vai poder assistir, pela televisão, ao desfile que no passado fez fama e bateu recordes de audiência. Sem a publicidade da TV, o desfile das misses sobrevive do jeito que pode. E por que um concurso de miss vai ser realizado em Brasília, cidade sem nenhuma tradição nesse tipo de disputa? Porque Brasília tem políticos e um deles dá a mão para o organizador do concurso, o jornalista e publicitário paraense Danilo Dávila, proprietário de 50 franquias mundiais que tratam das misses. O político amigo é o deputado Celso Russomano (PS-DB-SP), que até utilizou a estrutura de seu gabinete para distribuir os convites necessários à divulgação da disputa.

Russomano é vice-presidente do Clube do Congresso e, nessa condição, cedeu a entidade para que as moças possam desfilar seus atrativos. Também foi Russomano quem levou as misses para passear no Congresso. O presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), suspendeu a sessão por alguns minutos, para que os políticos pudessem cumprimentar as beladades de seus Estados.

O organizador do concurso também é político. Danilo Dávila fundador do PTB, segunda fase, com Ivet Vargas. Saiu do partido com a entrada do senador José Eduardo Andrade Vieira (PR) e fundou o PT do B, do qual foi presidente no Paraná até o ano passado. Mas a sigla, embora definitiva, é menos conhecida do

que os concursos atuais de miss. Esse é o impasse de Dávila. Como organizador dos concursos de beleza, vai muito bem, vive pelo mundo; como político, não consegue arrumar um deputado para a legenda.

Cada uma das candidatas carrega o desejo de ficar pelo menos entre as 12 primeiras colocadas e, assim, aguardar a possibilidade de ser chamada para representar o Brasil em algum dos inúmeros concursos de miss hoje existentes. A primeira colocada já tem lugar na fama de um mundo muito particular das



Uma das misses beija ACM, na visita ao Congresso: sonho de sucesso

misses: a Turquia. Esse país, o mais aberto entre os de maioria muçulmana, tem o monopólio dos concursos do Miss Globe, que substituiu em importância o Miss Universo, ao qual concorreu Martha Rocha e, por duas polegadas a mais no quadril, ficou em segundo lugar.

As novas misses sabem que jamais alcançarão a fama da baiana Martha Rocha ou os pés da catariense Vera Fischer, cada uma mais reverenciada do que a outra. Mas sonham com viagens, fama, convite para fotos em revistas de mulheres nuas, trabalho de modelo, televisão, cinema e teatro. Enfim, uma projeção

pessoal que resolva da melhor possível a necessidade do emprego e de sobrevivência de todas, jovens de classe média.

“O concurso perdeu o glamour do passado, mas ainda é importante para nós, que desejamos seguir a carreira de modelo”, disse a baiana Sheila Rodrigues, de 21 anos. Ela, como todas as outras candidatas, quer vencer o concurso, mas acha que só o fato de ser vista por olheiros do Rio e de São Paulo já lhe abre grandes perspectivas. Primeiro: transferir-se para a passarela de

um desses dois Estados; segundo, ser chamada a posar nua para alguma revista masculina. “É um trampolim que ninguém pode dispensar”, afirmou ela.

Há pequenas fraudes no concurso de miss, reveladas sem o menor constrangimento. A miss Espírito Santo, Fabiana Correia Dias, de 20 anos, mora em São Paulo desde os dois anos de idade. Como não havia ninguém para disputar o cargo pelo Estado dos capixabas, ela foi levada para lá. O mesmo ocorreu com a miss Roraima, que vive em Manaus. Daniela Pitanga tem 22 anos, é filha de militar e está no Amazonas, onde trabalha como modelo e estuda economia. Na falta de uma candidata pelo Estado que está pegando fogo, foram buscá-la em Manaus.

Alguns Estados preparam-se muito bem para o concurso. É o caso dos três do Sul: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, com grande tradição nesse tipo de disputa. Cada eleição eliminatória é uma festa, na explicação das próprias misses. Santa Catarina, porém, leva uma desleal vantagem. O organizador do concurso no Estado, o colunista social Moacir Benvenutti, disse que a garota é programada para ser a vencedora. “Se tiver uma gordurinha a mais, recauchutagem nela”. E se tiver o narizinho um pouco torto? “Plástica nele.”

DISPUTA
NEM TERÁ
TRANSMISSÃO
PELA TV